

O DESEMPREGO JUVENIL NA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE (2001 – 2010)

Pascoal José Marion Filho

Prof. Dr. do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Rua Marechal Floriano Peixoto, 611/102, CEP: 97.010-310 - Santa Maria (RS). pascoaljmarion@yahoo.com.br.

Jones de Oliveira Fagundes

Mestrando em Economia e Desenvolvimento pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Rua Domingos Grazioli, 160, CEP: 97110-565. Santa Maria (RS). jonesof@yahoo.com.br.

Gabriela Schumacher

Mestranda em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Rua Duque de Caxias, 1451/402, CEP: 97.015-190 – Santa Maria (RS). gabi.schumacher@hotmail.com.

Henrique Reichert

Aluno do curso de graduação em Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Rua Felipe de Oliveira, 601/102, CEP: 97.015-250 - Santa Maria (RS). henrique_rt@ymail.com.

Área temática: Emprego e mercado de trabalho, demografia econômica.

RESUMO: O desemprego entre jovens tem intrigado estudiosos em todo o mundo. No Brasil, o problema também tem chamado a atenção, mesmo durante a expansão econômica. De um modo geral, esse não é um problema local e atinge todas as regiões do País. Por isso, a pesquisa avalia o desemprego juvenil total na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) no período de 2001 a 2010, uma das mais importantes. Faz-se uma análise descritiva baseada em dados da PED-RMPA (FEE, 2011). Mais especificamente, determina-se a relação entre o desemprego total juvenil e as demais faixas etárias, adultos de 25 a 39 anos e de 40 anos ou mais. Os resultados da pesquisa mostram que a taxa de desemprego dos jovens na Região Metropolitana de Porto Alegre foi sempre superior ao dobro da obtida para os adultos, uma vez que a menor razão entre as elas ocorreu em 2005 e foi de 2,05, para a faixa de 25 a 39 anos, e de 2,80 em 2002, para a faixa de 40 anos e mais. Entretanto, foi entre os jovens que ocorreu a maior redução no desemprego (35,9%).

Palavras-chave: Desemprego juvenil. Região Metropolitana de Porto Alegre. Taxa de desemprego.

1 Introdução

O elevado índice de desemprego dos jovens pode ser considerado um fenômeno mundial. Estudos de Tokman *et al.* (2003) e OIT (2001) mostram que em praticamente todos os países as taxas de desemprego para os jovens são proporcionalmente maiores do que as registradas para os adultos. Flori (2003), Bastos (2005), Reis e Camargo (2007) e Guillard e Monteiro (2010), entre outros, constataram que esta realidade não é diferente no Brasil.

As justificativas apresentadas para o problema abrangem um espectro amplo entre os autores, alguns focam a formação econômica histórica nacional e outros dão uma explicação mais macroeconômica e identificam nos jovens algumas especificidades para as elevadas taxas de desemprego.

Entre os primeiros encontra-se Arandia (1991), a qual atribui o problema a forma como se constituiu o capitalismo no Brasil. Segundo o autor (p. 148), devido à “[...] concentração de renda, desigualdades regionais, preservação do latifúndio e excludência - formou um mercado de trabalho segmentado e heterogêneo, tanto no plano nacional quanto no regional”.

No segundo grupo de autores estão Braga e Rodarte (2005), os quais justificam a taxa mais elevada de desemprego entre os jovens a partir da falta de experiência, do baixo crescimento da economia, que de alguma forma afeta a todos, e das mudanças estruturais no mercado de trabalho, especialmente decorrente das inovações tecnológicas.

Entretanto, esse não é apenas um problema brasileiro, mas mundial. Portanto, alguns argumentos frequentemente apresentados como de origem local são questionáveis, o que cria a necessidade de mais investigação sobre as causas do elevado desemprego entre os jovens, pois uma compreensão adequada torna possível o enfrentamento do problema.

O objetivo da pesquisa é avaliar o desemprego juvenil total na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) no período de 2001 a 2010. Mais especificamente, determinar a relação entre o desemprego dos jovens e as demais faixas etárias, adultos de 25 a 39 anos e de 40 anos ou mais. Justifica-se a escolha da RMPA pela necessidade de analisar um caso real, a fim de averiguar se o desemprego dos jovens é realmente superior ao encontrado nas demais faixas etárias da população.

Este artigo está organizado em quatro seções, sendo esta introdução a primeira delas. Apresentam-se o referencial teórico e a metodologia na segunda seção. O desemprego juvenil na Região Metropolitana de Porto Alegre está na terceira seção. E, por fim, a quarta seção traz as conclusões da pesquisa.

2 O desemprego juvenil e a metodologia

2.1 O desemprego juvenil e as suas causas

2.1.1 Considerações gerais a respeito do desemprego juvenil

Denomina-se desempregado a pessoa que se encontra numa situação involuntária de não-trabalho, por falta de oportunidade ou que exerce trabalhos irregulares com desejo de mudança. O DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (2011) considera desempregado total a soma do desemprego aberto, pessoas que procuram trabalho de maneira efetiva nos 30 dias anteriores ao da entrevista e não exercem nenhum trabalho nos últimos sete dias, com o desemprego oculto pelo trabalho precário e pelo desalento. O desemprego oculto pelo trabalho precário abrange as pessoas que procuraram efetivamente trabalho nos trinta dias anteriores ao dia da pesquisas e que realizam de forma irregular trabalho remunerado ou algum trabalho recebendo exclusivamente em espécie ou benefício. O desemprego oculto pelo desalento agrega pessoas sem trabalho e que não procuraram nos últimos 30 dias por desestímulo do mercado de trabalho.

Considera-se jovem o indivíduo com idade entre 16 e 24 anos e adulto aquele que possui idade igual ou superior a 25 anos. O limite inferior de 16 anos deve-se à idade mínima legal¹ para participar no mercado de trabalho brasileiro (FEE, 2011). Entretanto, o DIEESE considera como população em idade ativa as pessoas com 10 anos e mais.

As taxas de desemprego juvenil tradicionalmente têm sido mais altas do que a de adultos e idosos em todo o mundo. Segundo Ribeiro e Juliano (2005), em 1998, nos países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) a taxa de desemprego para os jovens foi o dobro da registrada para os adultos. Tokman *et al.* (2003) ratifica que o fenômeno das altas taxas de desemprego entre os jovens é universal e que atinge quase todos os países, com exceção da Alemanha, onde a taxa de desemprego é similar a da população total.

¹ A proibição do trabalho do menor de 16 anos foi implementada pela Lei nº 10.097, de 19.12.00, oriunda do Projeto de Lei nº 2.845/2000, e pela Portaria do Ministério do Trabalho e Emprego, Secretaria de Inspeção do Trabalho e Departamento de Segurança e Saúde no Trabalho nº 6, de 05.02.01, que altera os dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943.

Flori (2003) afirma que no Brasil após a implantação do plano real as taxas de desemprego dos jovens não diminuíram, e cita que o problema é visto pelos especialistas como um grave problema social, que afeta tanto as economias em desenvolvimento como as desenvolvidas.

Para Braga e Rodarte (2005), o segmento dos jovens é um dos mais frágeis na disputa por um posto de trabalho. As causas são o elevado excedente de mão-de-obra e à perda de oportunidades ocupacionais em empregos regulares. Estes autores apontam que a falta de perspectiva dessa parcela da população com relação ao mercado de trabalho é um dos principais fatores de segregação social. A OIT (2001) também relaciona o desemprego e a baixa empregabilidade dos jovens a problemas sociais, tais como a violência e a prostituição, o que gera um nível de vulnerabilidade que, em alguns países, ameaça a estabilidade social e o progresso econômico.

Guilland e Monterio (2010) identificaram em vários estudos que mesmo entre os jovens existe desigualdade em relação ao desemprego. Os mais pobres começam a trabalhar com idade precoce para ajudar na sobrevivência da família, o que limita as suas oportunidades de estudo e de renda, além de trazer problemas futuros de relacionamento, psíquicos e de conduta. Os mais ricos retardam a saída da casa dos pais, principalmente no caso das mulheres, e investem na formação e na carreira profissional.

Portanto, em relação ao desemprego juvenil existem várias particularidades a serem entendidas, algumas tem características comuns e independem do nível de desenvolvimento econômico e social do país ou da região, outras têm a ver com a cultura e as leis que regem o mercado de trabalho. Isso por si só demonstra que não se trata de um problema de fácil solução.

2.1.2 Possíveis causas das elevadas taxas de desemprego entre os jovens

Na busca pelas causas do maior desemprego juvenil, Tokman *et al.* (2003) identificam quatro determinantes:

i) a dinâmica insuficiente da economia e as características do crescimento. O autor chama estas causas de gerais, o crescimento aparece como fator necessário para a geração de emprego, ele deve ser rápido e sustentado, mas por si só não é suficiente;

ii) as exigências e expectativas dos jovens em relação ao emprego esperado. Sobre essa questão o autor enfatiza os desajustes existentes entre as expectativas dos jovens e a realidade do mercado;

iii) a insuficiência do capital humano, tanto de educação como de experiência. Essa afirmação corrobora a de outros autores, o baixo tempo de permanência na escola e a pouca experiência de trabalho, são fatores determinantes na entrada dos jovens no mercado de trabalho e são cruciais quando se fala na qualidade e remuneração do trabalho que porventura venha a ser exercido por esse jovem. Neste sentido, a importância da educação é clara, pois quanto maior a qualificação profissional, melhores empregos e salários; e,

iv) os fatores relacionados com a rigidez do mercado de trabalho, os custos de contratação e demissão e os baixos salários. Nesta parte, o autor coloca que existem efeitos discriminatórios que dificultam a criação de oportunidades de trabalho para os jovens. A rigidez está vinculada à regulação do mercado, quando se fala em disponibilidade de contratos de trabalho, que encarecem os custos de contratação e demissão; na distribuição da jornada de trabalho, distribuição essa que não favorece o jovem que precisa aprender e geralmente estudar; e a fixação dos salários mínimos, referente a salários pagos aos jovens e aos trabalhadores menos remunerados.

Bastos (2005) atribui às elevadas taxas de desemprego juvenil a vários fatores: i) a falta de experiência anterior de trabalho; ii) a prioridade nas demissões pelo menor tempo de serviço; iii) a maior desistência na procura de emprego em períodos de baixa absorção de mão-de-obra; iv) a dificuldade de adaptação dos jovens às necessidades das empresas; v) a maior escolaridade dos jovens; vi) a versatilidade exigida do empregado; e, vii) a perda de capacidade de trabalho gerada pelo desemprego. As justificativas apresentadas pelo autor, segundo a ordem dos fatores apresentados, são as seguintes:

i) na escolha de um novo funcionário as empresas tendem a escolher os adultos, pois estes, ao contrário da maioria dos jovens, já têm alguma experiência de trabalho anterior;

ii) quando a economia entra em recessão ou tem baixo crescimento econômico, os jovens ficam mais suscetíveis a perda do emprego, pois têm menos tempo de serviço;

iii) os jovens tendem a deixar de procurar emprego em períodos de baixa procura de mão-de-obra, pois nesta situação se amplia entre eles o desalento pela procura por trabalho devido à ausência de perspectiva de obter um emprego;

iv) os jovens procuram empregos que lhes agradem e exigem mais do trabalho ofertado, especialmente se tem alta escolaridade, e as empresas procuram mão-de-obra que lhes seja útil;

v) a alta escolaridade dificulta a ocupação dos postos de trabalho destinados aos menos escolarizados, situação esta que empurra o grupo com menos estudo para o desemprego;

vi) a mudança do perfil do empregado exigido pelas empresas, versátil e dinâmico, em detrimento do especializado;

vii) a deterioração dos atributos do trabalhador, enquanto trabalhador ativo, durante o tempo que fica desempregado. Deterioração esta que causa sequelas negativas, perda de habilidades entre elas, podendo gerar inclusive um desemprego futuro.

Para Flori (2003), a alta taxa de desemprego juvenil decorre da elevada rotatividade dos jovens no mercado de trabalho (entrada e saída do emprego) e não da dificuldade de se conseguir o primeiro emprego. Além disso, mostra que a duração do desemprego dos trabalhadores jovens é muito semelhante a dos adultos. Com isso, conclui que a diferença entre as taxas de desemprego está relacionada à entrada no desemprego, pois a dos jovens é maior e tem como principal motivo a saída do emprego em busca de uma ocupação estável.

Segundo a mesma linha de raciocínio, Ribeiro e Juliano (2005) afirmam que a probabilidade de um jovem abandonar o seu emprego é maior que a dos adultos, o que segundo os autores caracteriza uma incapacidade dos jovens de manterem seus empregos. Nesse ponto eles concordam em parte com Flori (2003), mas discordam de que o elevado desemprego juvenil está relacionado à alta rotatividade no mercado.

Segundo Braga e Rodarte (2005), as causas do alto desemprego juvenil são: a falta de experiência em ocupação formal, o baixo crescimento da economia brasileira e as mudanças estruturais no mercado de trabalho brasileiro. Os autores explicam que o baixo crescimento econômico aumenta a informalidade e o trabalhador ganha cada vez menos, pois existe uma grande oferta de mão-de-obra não especializada e pronta para assumir o serviço se esse trabalhador não quiser se sujeitar ao baixo salário. A informalidade, como o próprio nome já diz, tende a manter esse trabalhador a margem das leis trabalhistas. Sem a proteção da lei o trabalhador torna-se parte importante e preocupante no processo de precarização do trabalho. Com relação ao fato dos adultos ocuparem os postos destinados aos jovens, a explicação reside um pouco na falta de experiência dos jovens e no fato dos adultos terem hábitos de trabalho mais

sedimentados. Os autores também citam a exigência maior das empresas em geral, com educação e formação profissional, como agravante do desemprego dos jovens.

Reis e Camargo (2007) concluíram que a alta taxa de desemprego entre os jovens está relacionada à incerteza por parte dos empregadores quanto à produtividade entre grupos com diferentes qualificações. Os menos qualificados apresentam baixa incerteza quanto à produtividade, pois apresentam pouca diferenciação entre os indivíduos. No entanto, a medida que cresce a qualificação aumenta a exigência das firmas quanto a informações sobre a qualidade dos trabalhadores. Os resultados da pesquisa mostram que os trabalhadores semi-qualificados são os mais afetados no emprego quando o país busca a estabilização na inflação.

Para Guiland e Monteiro (2010), existem várias causas para o elevado desemprego juvenil, sendo que algumas delas já foram citadas por outros autores. Entre as destacadas pelos autores, tem-se: o elevado índice de natalidade em um mercado de baixa absorção de mão-de-obra; a alta taxa de rotatividade, algumas vezes relacionada à opção de desemprego voluntário para maior qualificação; a baixa escolaridade, associada frequentemente às classes menos favorecidas; a situação financeira precária da família, o que acelera a necessidade de buscar próprio sustento com rapidez; e poucas atividades de lazer em grupos sociais, como igrejas e comunidades, o que eleva os casos de criminalidade, depressão e abuso de álcool, quando o desemprego é de longa duração, e reduz a possibilidade de novos empregos.

2.2 A metodologia e a base de dados

A opção metodológica de limitar o estudo à Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) está fundada na importância desse espaço para o Rio Grande do Sul e pelo lugar destacado que o Estado ocupa no contexto nacional. Assim, entende-se que a região se presta à análise da evolução da taxa do desemprego juvenil e das demais taxas de desemprego de adultos. A ênfase nesses aspectos não anula e tampouco diminui a importância e a necessidade de esforços com vistas a captar especificidades regionais, o que remete a estudos comparativos inter-regionais.

Faz-se uma análise descritiva do desemprego a partir dos dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego da Região Metropolitana de Porto Alegre (PED/RMPA) publicados pela FEE (2011). A PED considera jovens as pessoas com idade entre 16 e 24 anos e adultos as faixas

etárias de 25 a 39 anos e de 40 anos e mais. O período avaliado inicia em 2001 e vai até o ano de 2010, a primeira década do século XXI.

A PED é uma pesquisa amostral domiciliar, a qual é realizada com periodicidade mensal na RMPA. Uma das características mais relevantes da PED refere-se ao fato de utilizar uma concepção mais ampla de desemprego, o que permite um maior poder explicativo em mercados de trabalho pouco estruturados, como o brasileiro (HOFFMANN *et al.*, 2002 *apud* BASTOS, 2005).

3 O desemprego juvenil na RMPA

3.1 A Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA)

Antes de analisar o desemprego juvenil na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), faz-se uma breve caracterização da mesma. Segundo SEPLAG-RS (2011), a RMPA é a área mais densa do Rio grande do Sul e nela estão localizados 9 dos 18 municípios com mais de 100 mil habitantes. A densidade demográfica da região é de 394,07 hab./km², mas nos municípios de Alvorada, Esteio e Porto Alegre ela supera os 2.800 hab./km², as maiores do Estado.

A RMPA é um pólo de atração, característica antes restrita a Porto Alegre e cidades mais populosas. A agora também integra as cidades da periferia da região, onde, atraídos pelos preços mais baixos da terra e pelas facilidades de emprego das áreas de expansão econômica, aportam migrantes de todo o Estado. Segundo Bastos (2007), os municípios da Região congregam nada menos do que 40% da população trabalhadora gaúcha vinculada a atividades não agrícolas.

Segundo Alonso (2001 *apud* BASTOS, 2007), a Região concentra as atividades produtivas cativas de sítios urbanos, pois gera a metade do Produto Interno Bruto (PIB) industrial e cerca de 42% do PIB do setor serviços do Estado. No caso da indústria, a aglomeração urbana da RMPA sedia grande parte das atividades com características de complexos industriais e agroindustriais, com destaque para os ramos vinculados à atividade coureiro-calçadista, metal-mecânico e químico. Portoimagem (2010) considera a região como estratégica para o desenvolvimento do Estado, uma vez que nela estão instaladas algumas das maiores e mais importantes empresas do País, como montadora de veículos, pólo petroquímico, indústrias de

autopeças, plásticos, alimentícias, etc., traduzindo-se numa economia baseada, principalmente, na indústria e exportação.

Em relação à economia gaúcha no período em estudo, o PIB estadual foi de 2,0% em 2001, mas caiu no ano seguinte, para se situar em 1,7% em 2002. Desaceleração essa agravada pelo desaquecimento da economia norte-americana e pela crise econômica Argentina. Após este ano de baixo crescimento, registrou-se um primeiro momento de recuperação dos indicadores econômicos nacionais e um desempenho mais favorável para o Estado (BASTOS, 2007). O PIB gaúcho teve taxa de crescimento baixa ainda em 2003, 1,6%, mas passou para 3,3% em 2004.

Segundo FEE (2011), o PIB do Estado em 2010 teve um crescimento real de 7,8%, recuperando a queda de 0,8% do ano anterior. Esse foi o maior crescimento da economia gaúcha desde a estabilização econômica alcançada com o Plano Real. De 2001 a 2010, o PIB do Estado apresentou um crescimento acumulado de 29,8%, contra 42,3% no País. O crescimento da economia do Rio Grande do Sul, mesmo menor do que a brasileira, deve ter gerado empregos para jovens e adultos na Região Metropolitana de Porto Alegre, os quais são avaliados a seguir.

3.2 O desemprego juvenil

A taxa de desemprego da população juvenil atingiu o máximo em 2003 e chegou a 29,9% na RMPA. Desde então vem caindo e terminou 2010 com uma taxa de 18,3%, a mais baixa da década. A justificativa para o elevado desemprego em 2003 tem a ver com as eleições presidenciais ocorridas em 2002 e a aceleração da inflação. Durante a disputa os candidatos se comprometeram a combater a inflação assim que assumissem a presidência e foi o que fez o novo governo (Lula). A partir da posse, foi implementada uma política econômica restritiva com a finalidade de reduzir a demanda e desacelerar o aumento de preços, o que contribuiu para elevar o desemprego.

Nas demais faixas etárias da população a dinâmica da taxa de desemprego foi semelhante a dos jovens, mas os percentuais foram menores (Gráfico 1). Na faixa etária de 25 a 39 anos, a maior taxa de desemprego também ocorreu em 2003 (14,1%) e a menor foi a de 2010, com 8,2%. Na população de 40 anos ou mais a taxa de desemprego foi ainda menor, pois caiu de 9,9% em 2003 para 4,6% em 2010.

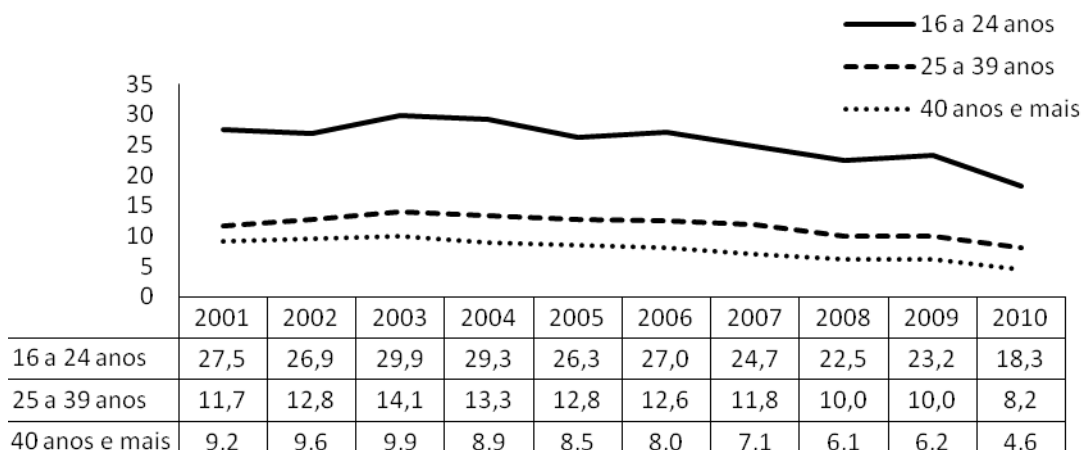


Gráfico 1 – Taxas de desemprego de jovens e adultos na RMPA (%) – 2001-2010

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da PED-RMPA (FEE, 2011).

Ao longo do período analisado, constata-se que nos anos finais da série a redução do desemprego entre os jovens foi mais intensa do que a ocorrida nas demais faixas etárias, o que pode ser visualizado pela aproximação das linhas do Gráfico 2. De uma forma geral, a redução do desemprego foi determinada pela expansão econômica regional, uma vez que, segundo dados da FEE (2011), de 2006 a 2010 o PIB do Rio Grande do Sul cresceu 22,6%, mais que o brasileiro, 19,3%.

O diferencial de incidência do desemprego entre jovens e adultos é expressivo e está de acordo com o padrão internacional. No ano de 2010, verifica-se que a razão entre a taxa de desemprego dos jovens e de adultos com idade entre 25 e 39 anos era de 2,23, ou seja, entre os jovens a taxa de desemprego é superior ao dobro da faixa de adultos, mesmo no ano de maior aproximação entre elas. Quando a relação é calculada entre jovens e adultos com 40 anos ou mais a proporção passa para 3,98 vezes.

Pode-se perceber também no Gráfico 2 que a proporção entre as taxas de desemprego total variou ao longo do tempo e que o resultado da razão entre as taxas de desemprego de jovens e adultos com mais de 40 anos teve um crescimento mais acentuado, especialmente no final do período. Isso pode ser explicado pela redução mais acelerada na taxa de desemprego entre os adultos, que chegou em 2010 com 50% da taxa de 2001, contra 33,5% de diminuição na taxa dos jovens.

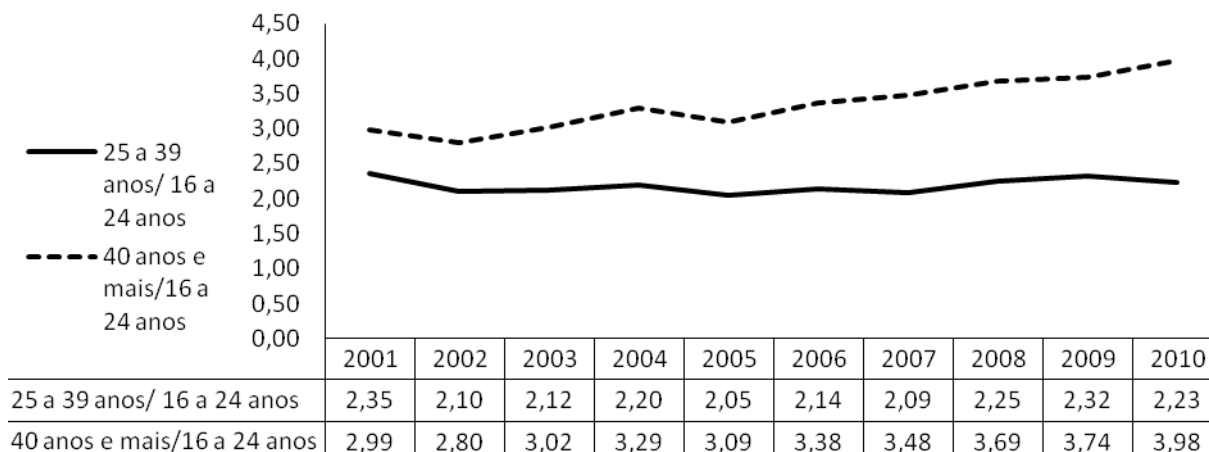


Gráfico 2 – Relação entre a taxa de desemprego total dos jovens e adultos na RMPA – 2001-2010
 Fonte: Elaborado pelos autores com dados da PED-RMPA (FEE, 2011).

No entanto, o contingente de jovens desempregados na RMPA caiu de 113,183 mil indivíduos em 2001 para 72,570 mil em 2010, o que corresponde, aproximadamente, a uma queda de 36% (Gráfico 3). Em termos comparativos com os adultos, verifica-se que entre 25 e 39 anos o número de pessoas desempregadas caiu de 76,405 mil em 2001 para 63,366 mil em 2010 (17%) e na faixa etária com 40 anos e mais caiu de 59,570 mil para 39,294 mil (34%). Portanto, a maior queda no desemprego ocorreu entre os jovens, reduzindo a sua participação no total de desempregados de 45% em 2001 para 42% em 2010.

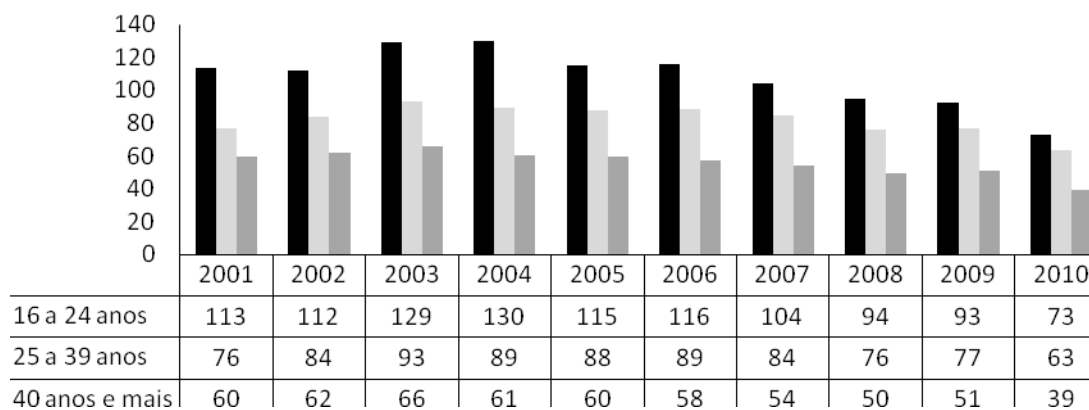


Gráfico 3 – Número de desempregados (em 1.000) por faixa etária na RMPA – 2001-2010
 Fonte: Elaborado pelos autores com dados da PED-RMPA (FEE, 2011).

O número de pessoas desempregadas está relacionado com o crescimento das oportunidades de trabalho e da população economicamente ativa (PEA). No Gráfico 4, observa-

se uma queda na PEA juvenil de 4% e um aumento na ocupação de 8%, o que explica a redução de desempregados. Com relação aos adultos, as taxas foram positivas nas duas faixas etárias, para a PEA e ocupados, sendo esta última maior para os dois grupos e negativa para desempregados.

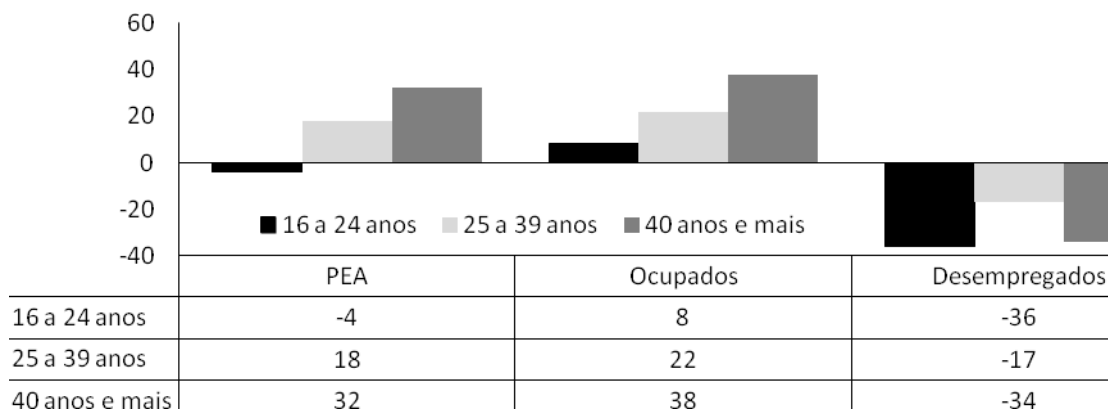


Gráfico 4 – Taxas de variação (%) da PEA, da ocupação e do desemprego, por faixa etária, na RMPA – 2001-2010

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da PED-RMPA (FEE, 2011).

Como a taxa de ocupados é positiva e superior a da PEA para as três faixas etárias estudadas, atribui-se ao desempenho econômico da região a diminuição do estoque de desempregados de todos os grupos populacionais.

O tempo de permanência na busca por emprego também diminuiu, especialmente nos últimos quatro anos (Gráfico 5). O tempo médio de procura por trabalho dos jovens desempregados caiu de 8,3 meses em 2002 para 5,3 meses em 2010. O mesmo ocorreu na população adulta, para a qual o tempo médio de procura por trabalho diminuiu de 12,5 meses para 7,4 meses. Destaca-se ainda que o tempo médio de procura por trabalho entre os jovens é menor do que o de adultos, mas são eles também que tem a maior rotatividade no emprego.

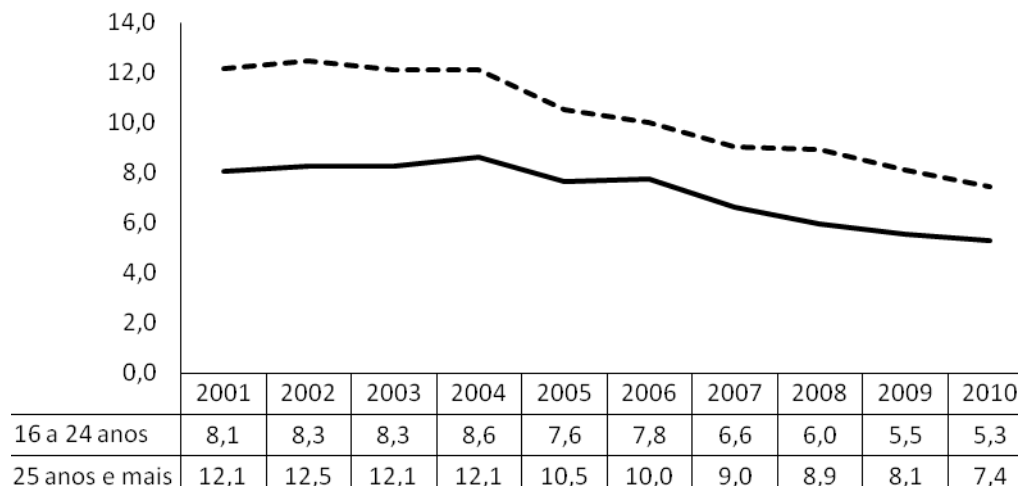


Gráfico 5 – Tempo médio de procura por trabalho dos desempregados, jovens e adultos, na RMPA – 2003-2010

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da PED-RMPA (FEE, 2011).

A menor experiência dos jovens nas atividades produtivas é apontada com frequência como um ponto fraco na hora de se inserir no mercado de trabalho. Sobre isso, o Gráfico 6 traz números que mostram que na RMPA é expressiva a proporção de jovens desempregados que não possuíam experiência anterior de trabalho, pois esta atingiu 33,9% em 2001.

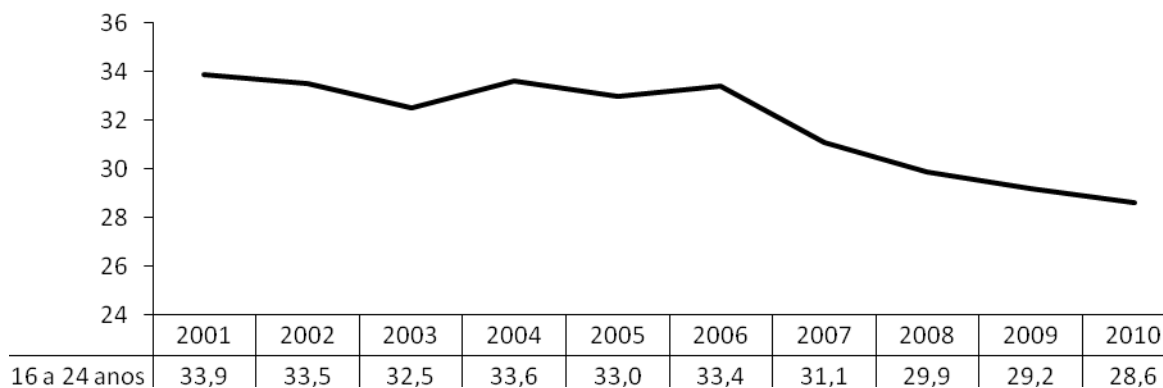


Gráfico 6 – Proporção de desempregados sem experiência anterior de trabalho, jovens e adultos na RMPA – 2003-2010

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da PED-RMPA (FEE, 2011).

* Os dados para os indivíduos adultos (25 anos e mais) não têm significância estatística, por isto esta faixa etária não foi incluída no gráfico.

Adicionalmente, pode-se também constatar que houve ao longo do período estudado uma tendência de queda na proporção de jovens desempregados sem experiência anterior de trabalho,

na medida em que esta passou de 33,9% em 2001 para 28,6% em 2010, a menor da década. A diminuição de 4% na população economicamente ativa (ver Gráfico 4), provavelmente, contribuiu para a redução do desemprego.

4 Conclusão

A pesquisa avaliou a evolução do desemprego juvenil total na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) no período de 2001 a 2010 e concluiu que a população jovem tem uma taxa de desemprego superior a duas vezes a da população adulta de 25 a 39 anos e de quase quatro vezes a da população com idade de 40 anos ou mais. No entanto, a partir de 2007 ela vem caindo em termos relativos.

O desemprego entre os jovens caiu 36% na década e essa queda foi potencializada pela redução da população economicamente ativa (-4%), pelo crescimento da ocupação de jovens no mercado de trabalho (8%), pela redução no tempo de procura de emprego (passou de 8,1 para 5,3 meses) e pela redução da inexperiência daqueles que procuram uma vaga no mercado de trabalho (diminuiu de 33,9% para 28,6%). A fase de crescimento da economia do Rio Grande do Sul no período (29,8%), especialmente nos últimos cinco anos (22,6%), também explica a melhora no mercado de trabalho.

Os resultados da pesquisa mostram também que a situação vivida pelos jovens na Região Metropolitana de Porto Alegre é similar a de outras regiões do País e de outros países. Entretanto, deve-se pesquisar mais sobre esse grupo e as suas especificidades, já que ele não é homogêneo, pois agrega várias classes sociais e qualificações.

Referências

ARANDIA, A. K. O mercado de trabalho frente à crise dos anos 80 e os planos de estabilização. **Indicadores Econômicos FEE**. v. 18, n. 4. Porto Alegre, 2001. Disponível em: <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/article/viewFile/380/612>> Acesso em: 02 ago. 2011.

BASTOS, R.L.A. Desemprego juvenil na Região Metropolitana de Porto Alegre. **Anais das Segundas Jornadas de História Regional Comparada**. Porto Alegre: PUCRS/FEE, 2005.

BASTOS, R.L.A. (Coord.). **Dimensões da precarização do mercado de trabalho na Região Metropolitana de Porto Alegre**. Porto Alegre: FEE, 2007.

BRAGA, T.S.; RODARTE, M.M.S. A inserção ocupacional e o desemprego dos jovens: o caso das Regiões Metropolitanas de Salvador e Belo Horizonte. **Pesquisa e debate**. v. 17, n. 1, p. 103-123. São Paulo, 2006.

DIEESE. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. Disponível em: <http://dieese.org.br/ped/pedmet.xml>. Acesso em: 01 jul. 2011.

FEE. Fundação de Economia e Estatística. **FEEDADOS**. 2011. Disponível em: <http://www.fee.rs.gov.br/feedados/consulta/sel_modulo_pesquisa.asp> Acesso em: 01 jul. 2011.

FLORI, P.M. **Desemprego de Jovens: um estudo sobre dinâmica do mercado de trabalho juvenil brasileiro**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP. São Paulo: USP, 2003. 77 p.

GULLAND, R.; MONTEIRO, J. K. Jovens e desemprego: estado da arte. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**. v. 10, n. 2, jul.-dez., 2010.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/default.php>> Acesso em: 22 jul. 2011.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Desemprego Juvenil no Brasil: em busca de opções à luz de algumas experiências internacionais**. 2 ed. Brasília: OIT, 2001.

PED-RMPA. Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Porto Alegre/FEE; FGTAS/SINE-RS; DIEESE; SEADE-SP; FAT. — v. 1, n.1 (jun. 1992)-(dez. 2010). Porto Alegre: FEE, 2011.

PORTOIMAGEM. A Região Metropolitana de Porto Alegre. Portoimagem. 2010. Disponível em: <<http://www.portoimagem.com/rmpa.html>> Acesso em: 09 mai. 2011.

REIS, M. C.; CAMARGO, J. M. Desemprego dos jovens no Brasil: os efeitos da estabilização da inflação em um mercado de trabalho com escassez de informação. Rio de Janeiro, **RBE**, v.61, n.4, out.-dez, 2007.

RIBEIRO, R.; JULIANO, A.A. Desemprego juvenil e impactos do Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego. **Revista econômica**. Rio de Janeiro, v.7, n.1, p. 47-76, jun. 2005.

SEPLAGRS. Mapa Socioeconômico da Região Metropolitana de Porto Alegre. Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.seplag.rs.gov.br/atlas/atlas.asp?menu=298>>. Acesso em: 05 mai. 2011.

TOKMAN, V.E.; CORROCHANO, M.C.; GOUVÊA, J.L. **Desemprego juvenil no Cone Sul: Uma Análise da Década**. Opções Prosur / Fundação Friedrich Ebert / ILDES. Brasil, 2003.